

CIÊNCIAS HUMANAS:

Uma nova interpretação
para um conceito comum

Aline Ferreira Antunes
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2021

CIÊNCIAS HUMANAS:

Uma nova interpretação
para um conceito comum

Aline Ferreira Antunes
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

istock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angéli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembí Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências humanas: uma nova interpretação para um conceito comum

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: uma nova interpretação para um conceito comum / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-257-6
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.576210807>

1. Ciências humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Esta é mais uma obra da Atena Editora feita com vistas a temas transversais e interdisciplinares. Cada capítulo é uma contribuição diferente à ciência brasileira e sul americana, contando com trabalhos inclusive sobre a Amazônia Boliviana e o Peru.

Além disto, ensino, matemática, história, filosofia e direito também estão presentes nesta obra, seja apresentando projetos desenvolvidos, ou reafirmando a importância dos já em curso no Brasil, como o PIBID.

Encontramos também um artigo que pensa o ensino virtual e sua complexidade, diante de uma pandemia que nos força a modificarmos e repensarmos nossa vida pessoal e profissional, sobretudo no campo da educação, o que demonstra, além da importância da divulgação de tais pesquisas, a própria problematização do tema.

Capítulos dedicados à exploração da temática memória e identidade, cidade e urbanização, subjetividade, dentre outros, estão aqui presentes, bem como sobre tensões identitárias, e temas que são cada vez mais urgentes como as subjetividades negras e a necessidade urgente de igualdade de gênero.

Esta obra em específico apresenta dois artigos que discutem a medicina alternativa do Reiki e outro que problematiza o uso medicinal da *Cannabis sativa*. Isto é, todos os temas aqui presentes são atuais, altamente articulados com as discussões científicas nacional e internacionalmente.

É neste amplo *hall* de assuntos que convidamos vocês a prestigiarem cada capítulo e suas discussões teórico-metodológicas. Esperamos que tais trabalhos possam inspirar mais e mais publicações como um ato de resistência ao sucateamento e ataque às pesquisas científicas, às universidades e à educação de maneira geral.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO


CAPÍTULO 1..... 1

O ENSINO VIRTUAL E SUA COMPLEXIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Maria Geni Pereira Bilio

Leyze Grecco

Ana Mary Bilio Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108071>

CAPÍTULO 2..... 10

PROJETO CARIÑO: CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA MARCA COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO EMOCIONAL

Letícia Cabral da Silveira Sanches


Nicole Curtinovi Martins

Anerose Perini

Carmen Maria de Quadros Galvão

Luiza Trapp da Silva

Luciana Flores

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108072>


CAPÍTULO 3..... 23

MAPEAMENTO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NO ALTO/MÉDIO JEQUITINHONHA-MG

Aderval Costa Filho

César Augusto Fernandes Silva

Edivaldo Ferreira Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108073>

CAPÍTULO 4..... 40

OBSCURECIDOS: A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS NEGROS E INDÍGENAS, AS IDENTIDADES CULTURAIS BRASILEIRAS E O ENSINO DE HISTÓRIA


Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108074>

CAPÍTULO 5..... 51

EFEITO AUTORREFLEXIVO DAS OBRAS CINEMATOGRAFICAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DIREITO


Ronaldo Blecha Veiga








 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108075>

CAPÍTULO 6..... 64


A VIDA VIRTUOSA COMO CONDIÇÃO PARA A FELICIDADE SEGUNDOARISTÓTELES

Brucily Vieira de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108076>

CAPÍTULO 7	72
A DIALÉTICA DO PROGRESSO EM ADORNO	
Lívia Santos Brisolla	
Luís César de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108077	
CAPÍTULO 8	82
TENSÕES IDENTITÁRIAS: INSTRUMENTO TERMINOLÓGICO E QUESTÃO RACIAL	
Miriam Gontijo de Moraes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108078	
CAPÍTULO 9	95
NEGRAS E NEGROS NAS MARCAS DISCURSIVAS DE CANTIGA DE CAPOEIRA	
Lúcia Jacinta da Silva Backes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108079	
CAPÍTULO 10	102
NEGRAS, NEGROS, SUBJETIVIDADES EM MOVIMENTO	
Maria das Graças Gonçalves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080710	
CAPÍTULO 11	116
DA PROTEÇÃO DA MULHER NO DIREITO CONSTITUCIONAL BRASILEIRO E A IGUALDADE DE GÊNERO FRENTE AO PRINCÍPIO DA ISONOMIA	
Fernanda Xavier de Souza	
Márcia Schlemper Wernke	
Camila Stefanos Oselame	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080711	
CAPÍTULO 12	130
A DEMOCRATIZAÇÃO DOS SIGNOS PARA LEITURA MUNDO E SUJEITO SOCIAL	
Marcilma Rossilene de Carvalho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080712	
CAPÍTULO 13	141
MEMÓRIAS DE APRISIONAMENTO: DISCUTINDO O CONCEITO DE INSTITUIÇÃO TOTAL À LUZ DE UMA INSTITUIÇÃO PSIQUIÁTRICO-PENAL	
Randiza Santis Lopes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080713	
CAPÍTULO 14	149
DIREITO À CIDADE, PARTICIPAÇÃO POPULAR E URBANIZAÇÃO: NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA UM DEBATE NECESSÁRIO	
Thalita Alves Silva Ribeiro	
Priscylla de Freitas Cavalcante	


Jorge Vinícios Silva Gondim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080714>

CAPÍTULO 15..... 163

O PAC NO MUNICÍPIO DE COLOMBO-PR: O PROJETO DE URBANIZAÇÃO DO JARDIM MARAMBAIA

Flávia Iankowski Claro Pereira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080715>

CAPÍTULO 16..... 180

ANÁLISE DO DESEMPENHO EDUCACIONAL SOB ASPECTOS FAMILIARES UTILIZANDO DADOS DO SARESP

Bruna Christina Battissacco

Camila Fernanda Bassetto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080716>


CAPÍTULO 17..... 193

A GASTRONOMIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA INOVADORA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA

Ana Carolina Leite Gomes

Marlon Martins Moreira

Richarlisson Henrique Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080717>

CAPÍTULO 18..... 203

A TRANSVERSALIDADE COMO MÉTODO PARA ABORDAGEM DE ASSUNTOS ATUAIS: *Aedes aegypti*


Lívia Paschoal Tancler

Amanda Thaís Godoy

Camila Maria Munhoz Felipe

Lílian Sauer Albertini

Valdir Gonzalez Paixão Júnior


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080718>

CAPÍTULO 19..... 207

FUNCIONAMENTO DO REIKI E DO CAMPO ENERGÉTICO HUMANO: UM DIÁLOGO ENTRE WILHELM REICH, KI E FÍSICA QUÂNTICA

Victor Pfister Lacerda Moreira

Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080719>

CAPÍTULO 20..... 224

LEGALIZAÇÃO DO USO MEDICINAL DA *CANNABIS SATIVA*: UMA QUESTÃO DE DIGNIDADE HUMANA

Caroline Leite de Camargo

Celany Queiroz Andrade


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080720>

CAPÍTULO 21.....239

SERINGAIS NATIVOS DO RIO MAMU: PAISAGEM CULTURAL E IDENTIDADE NA FLORESTA PANDINA BOLIVIANA

Francisco Marquelino Santana


Josué da Costa Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080721>

CAPÍTULO 22.....247

A PARTICIPAÇÃO DO CONGRESSO NA FORMULAÇÃO DE POLÍTICA EXTERNA DO PERU

Tainá Dutra de Assumpção


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080722>

CAPÍTULO 23.....256

OS REFLEXOS DA VIDA E OBRA DE DARWIN CONTEXTUALIZADOS EM UMA TERTÚLIA DIALÓGICA

Sheila Pires dos Santos

Shirley Pires de Souza dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080723>

SOBRE A ORGANIZADORA.....266

ÍNDICE REMISSIVO.....267

CAPÍTULO 10

NEGRAS, NEGROS, SUBJETIVIDADES EM MOVIMENTO

Data de aceite: 01/07/2021

Maria das Graças Gonçalves

Doutora em Psicologia da Educação/USP,
Docente da FEUFF

RESUMO: O trabalho centraliza a formação universitária para a promoção da igualdade racial na educação, enfocando as atividades de Pesquisa, Extensão Universitária e Iniciação à Docência integrados no Projeto Negros e Negras em Movimento: relações étnico-raciais na escola e o debate sobre a Lei 10639/03. Visamos a construção de consciência crítica nos educadores para a implementação de novas práticas e conhecimentos no cumprimento da LDB e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Através da pesquisa e extensão enriquecemo-nos culturalmente nas matrizes afro-brasileiras e exercitamos através da iniciação à docência a prática transformadora. A metodologia da pesquisa-ação amplia a formação-reflexão dos participantes do projeto, nas temáticas da erradicação do racismo na educação, reconhecimento e valorização da cultura brasileira de matriz africana. Integramos ao corpus teórico as questões sociais, psicológicas, culturais, políticas e educacionais que envolvem a população afro-brasileira e a disputa nos espaços educacionais formais, especialmente a universidade. Nossas reflexões permitiram identificar dimensões importantes

desse processo pedagógico transformador, especialmente nas dimensões do trabalho coletivo, subjetividades e negritude, potencial cognitivo-reflexivo e formação para a promoção da igualdade racial.

PALAVRAS - CHAVE: Afro - brasileiros;
Subjetividades negras; Racismo, Equidade racial.

BLACK, BLACK, SUBJECTIVITIES IN MOVEMENT

ABSTRACT: The work centralizes university education for the promotion of racial equality in education, focusing on Research, University Extension and Teaching Initiation activities as part of the Blacks and Blacks in Movement Project: ethnic-racial relations at school and the debate on Law 10639/2003. We aim to build critical awareness in educators for the implementation of new practices and knowledge In compliance with the LDB and the National Curriculum Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations for the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture. Through research and extension, we culturally enriched ourselves in the Afro-Brazilian matrices and exercised the transforming practice through teaching initiation. The action-research methodologies expands the training-reflection of the Project participants, in the themes of the eradication of racism in education, recognition an appreciation of Brazilian culture of African matrix. We integrate into the theoretical corpus the social, psychological, cultural, political and the dispute in formal educational spaces, especially the university. Our reflections allowed us identify important dimensions of this transformative

pedagogical process, especial in the dimensions of collective work, subjectivities and blackness, cognitive-reflective Potential and training for the promotion of racial equality.

KEYWORDS: Afro-Brazilians; Black subjectivities; Racism; Racial Equity.

1 | INTRODUÇÃO

Atentas estamos, nesse trabalho, à agenda nacional antirracista da Educação, um debate amplo de políticas e práticas pedagógicas para alcançarmos equidade racial na escola, especialmente tensionada pela Lei 10639/2003, seja no campo conceitual, pelo questionamento das epistemologias conservadoras eurocêtricas, seja pela etnografia crítica do cotidiano escolar, permeado de preconceitos e opressões. Muitas pesquisas registram descontinuidades, tensões e conflitos nesses espaços, espelhados que são pela realidade social na qual se inserem. Nos currículos, oficiais e ocultos, se expressam, valores, ideologias, símbolos, interpretações, vivências e preconceitos hegemônicos. O racismo educacional, nesse contexto, é fator decisivo da seletividade dos sujeitos que serão bem ou malsucedidos, e o silenciamento é um dos principais mecanismos de preservação do mal-estar da opressão/exclusão para uns (não-brancos), emancipação e privilégios para outros (brancos). Tais mecanismos não são totalmente expressos ou visíveis, ao contrário, seguem um perfil de racismo ambíguo, sobreposto pelo mito da meritocracia (entre desiguais). Porém as estatísticas educacionais demonstram fatos reais dessa situação no país:

- Analfabetismo: 9,9% no segmento negro da população, contra 4,2% no branco. (PNAD 2016)
- Ensino fundamental, apenas 47% da população negra com mais de 18 anos concluiu essa modalidade, contra 62% dos brancos na mesma faixa etária. (PNAD 2010)
- Ensino superior 34% são negros/as, porém na faixa etária de 18 a 24 anos, os negros são apenas 12,8% (IBGE, 2015). Na Pós-Graduação, negros/as correspondem a 28,9% (INEP, 2017)
- Professores do Ensino Superior Público e Privado, apenas 16% são negros/as; na pós-graduação professores/as negros/as são menos de 3%. (INEP, 2017).

No quesito da desigualdade entre brancos, negros e mestiços em nosso país, sublinhamos que os afro-brasileiros, que são 56% de nossa população, detêm o menor índice de escolarização, vivem em condições de miséria, recebem menores salários e têm saúde e moradia precárias.

Nesse contexto, nossa reflexão abordará a produção da subjetividade dos grupos afrodescendentes no Brasil e nossa experiência de formação de professores visando outras práxis: propostas pedagógicas de libertação, emancipação, diversificação. Em tempo, mesmo não sendo o nosso recorte, vale registrar que no contexto racializado, sujeitos

brancos também produzem subjetividades deformadas, racistas e, portanto, apresentam processos sociais e psicológicos embasados no desejo de manter o próprio privilégio branco, combinado ou não com um sentimento de rejeição aos negros. O silêncio, a omissão, os conflitos da mentalidade branca geram pesquisas sobre branquitude, um complexo de mecanismos narcísicos que sustentam as teorizações colonialistas que elegem a sociedade branca ocidental como referência da humanidade. Segundo a psicanálise, o narcisismo, ou amor a si mesmo, é o componente psíquico que trabalha para a preservação do indivíduo e que gera aversões ao que é estranho, diferente. Assim, nosso país, movido pelo desejo de ser uma nação branca, e manter os privilégios acumulados pela exploração dos corpos negros, usará toda a estrutura institucional de nossa sociedade, quase que exclusivamente, para distribuição dos serviços do Estado em prol do grupo hegemônico branco.

Apresentaremos reflexões desencadeadas pelo Projeto de Pesquisa “Diversidades e Interculturalidades: matrizes africanas na educação”, pelo Projeto de Extensão Universitária “Negros e Negras em Movimento: relações étnico-raciais na escola e o debate sobre a Lei 10639/03”, e o Projeto de Iniciação à Docência “Interculturalidades e Arte-Educação”, nos quais refletimos as questões sociais, culturais, políticas e educacionais que envolvem a população afro-brasileira. Trata-se da experiência de formação de educadores para a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas instituições educacionais brasileiras.

2 | DESCOLONIZAR A EDUCAÇÃO

O caráter ideológico dos currículos, as necessidades de interações entre os saberes oficiais e os silenciados, ou os impasses na formação profissional para a descolonização da educação, são problemáticas enfrentadas na implementação das Diretrizes Nacionais para o Ensino de História da África e da Cultura dos Afro-brasileiros, conforme demanda a LDB?Lei10639/2003.

Segundo Gomes,

A força das culturas consideradas negadas e silenciadas nos currículos tende a aumentar cada vez mais nos últimos anos. As mudanças sociais, os processos hegemônicos e contra-hegemônicos de globalização e as tensões políticas em torno do conhecimento e dos seus efeitos sobre a sociedade e o meio ambiente introduzem, cada vez mais, outra dinâmica cultural e societária que está a exigir uma nova relação entre desigualdade, diversidade cultural e conhecimento. (2012, p. 102)

No caminho das transformações precisamos reconhecer que os negros são admiráveis e agregam referência positiva para o país. Pensemos na composição do povo brasileiro: uma diversidade de grupos indígenas, a transposição forçada de muitos grupos étnicos africanos, a dominação europeia desde o período de colonização do país, além

dos imigrantes vindos das mais diferentes regiões do planeta, que conferiram ao país sua verdadeira riqueza: a grande diversidade étnico-racial. Porém, incidem sobre os não-brancos as opressões da discriminação, preconceito e racismo: o veneno do ódio racial intermitente nas relações interpessoais e institucionais.

O racismo é um mecanismo estruturante das discrepâncias sociais da nossa sociedade, de nossas relações institucionais e do nosso pensamento individual. Desde a escravidão e colonização, por meio de processos econômicos, culturais, políticos e psicológicos, os brancos progridem à custa da população negra (Hasenbalg & Silva, 1988). O fenômeno se manifesta diversas formas de expressão individual, institucional e estrutural. Na forma institucional, que nos interessa quando falamos da escola, esses preconceitos e discriminações advêm de instituições políticas e econômicas, nas quais muitos indivíduos (negros, mulheres, índios) são marginalizados e rejeitados, seja direta ou indiretamente. Desse modo, dissimuladamente, no interior de organizações, empresas, grupos, associações e instituições congêneres, se recusam, inibem, coagem e humilham as pessoas com base nos seus traços fenotípicos. A consolidação desse racismo se dá quando se prefere, opta, ou oferece tratamento diferenciado a um/a branco/a, de forma direta ou indireta, cujo resultado dessa escolha tende a privilegiá-lo/a em detrimento do/a negro/a, sem qualquer motivo oficial. Ele se apoia em normas, práticas, comportamentos e atitudes baseadas em estereótipos racistas e alienação. Nesse contexto as pessoas negras são prejudicadas no recebimento dos bens e direitos providos pelo Estado, instituições e organizações. O racismo institucional é silencioso, direto e indireto, por vezes formal e por outras informal, não é midiático, não polemiza, mas se expressa nos dados da vida social da população negra, consolidando o fracasso político do Estado na promoção dessa parte da população.

3 | A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES DAS PESSOAS NEGRAS NO BRASIL

Negritude e/ou subjetividade negra se refere aos processos psicológicos decorrentes no indivíduo a partir da história e sentimentos conflituosos que ligam brancos de maneira violadora aos negros. Historicamente a produção simbólica da negritude contemporânea nasce do embate contra as agressões sofridas, logo, não há como estudá-la sem essas referências.

Para a Psicologia a individualidade configura-se num processo construtivo de individuação, que produz núcleos de significação para o EU, em permanente relação com os outros, configurando distinções entre o *eu* e o *outro*, *nós* e *eles*. Tais processos incorporam elementos internos e externos, ou seja, existem, nesse processo, aspectos autodefinidos e aspectos atribuídos. De tal forma que o autoconhecimento nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido pelos outros. As subjetividades individuais organizam significados primitivos, autossustentáveis ao longo do tempo e do

espaço, uma espécie identidade primária que estrutura as demais produções simbólicas do sujeito.

Observamos que o fenômeno da diáspora africana produziu nas experiências dos negros espalhados pelo novo mundo um traço comum carregado de memórias de pertencimento à história dos grupos humanos africanos. Assim, guardam em suas autorreferências simbólicas o resultado também de um projeto histórico implícito nas trajetórias civilizatórias transnacionais e nacionais. Em África eram povos unidos pelo sentimento de origem, pela língua, pela história, pelas crenças, pelo desejo de viver em comum e por igual vontade de destino. Deslocados de sua terra, no processo escravagista, novas estratégias e recriações de referências de solidariedade na condição de escravizados foram necessárias e como resultado de grandes acordos entre diversas etnias africanas, no que tange a viver juntos em terra desconhecida, separados da família e em situações de opressão e terror, reconfiguraram-se novas comunidades negras, baseadas na luta pela sobrevivência psicológica e cultural. A vasta história dos negros no Brasil se perpetua em comunidades tradicionais até hoje funcionais, por exemplo, terreiros de candomblé e umbanda, quilombos, irmandades religiosas, grupos de capoeira, grupos de jongueiros, entre outras construções culturais.

No período abolicionista, a intelectualidade brasileira, importou as teorias pseudocientíficas racialistas eurocênicas da hierarquização das raças humanas para sustentar ideias de inferioridade da raça negra, e, posteriormente, o mito da democracia racial, a convivência harmoniosa das raças. A nossa elite política, que jamais elaborou um projeto político de incorporação dos ex-escravizados na nossa sociedade, alimentou um psicótico desejo de ser uma nação branca europeizada, incentivando a imigração europeia e a mestiçagem, para tal não faltaram recursos.

As histórias de pertencimentos e as experiências de produção da vida submetida aos preconceitos e exclusões, e associados às diversidades étnico-raciais, engendraram processos de produção de subjetividades de negros, brancos, índios e mestiços, repletos de ressentimentos e conflitos. A seguir visitaremos alguns estudos que nos auxiliam nessas reflexões.

4 | REFLEXÕES PSICANALÍTICAS: O QUE É SER NEGRO?

Nesse campo teórico estudam-se os processos de identificação pela aproximação aos objetos de desejo encontrados no entorno do sujeito. Desde o nascimento o indivíduo nutre sentimentos afetuosos e vínculos emotivos, de amor e ódio, com aqueles que o rodeiam. Um conceito que atravessa essas reflexões é o *Ideal de Ego*, referência formada a partir de significados e sentidos transpostos nas interações entre os adultos e os mais novos, entre as pessoas e seu ambiente sociocultural. A função dessa estrutura psicológica ideal é enraizar princípios no sujeito, que favorecem construções subjetivas compatíveis

com o investimento erótico do corpo e do pensamento, via indispensável à identificação pessoal e com seu entorno. Vemos aqui, então, a identificação se constituindo de forma correlata ao investimento erótico do corpo. Corpo e subjetivação da corporeidade, eroticamente investidos, são fundamentais na construção da identidade do indivíduo.

Corpo negro, ideal de branco? No Brasil, pela difusão do ideal de branqueamento, constitui-se um imaginário coletivo que atravessa as relações mais íntimas, de que bom e bonito é ser branco/a. No sentido inverso, o ser negro é investido da feiura e do mal. Isso influencia as formações subjetivas da população, de tal modo que emerge, segundo Souza (1983), nas construções individuais, um *ideal de ego branco nas pessoas de traços negros*. Para essa autora a autoimagem dos/as negros/as é forjada à semelhança do branco, negando ou invisibilizando sua negrura. As propriedades e características biológicas corporais de negros/as e mestiços/as são renegadas, por si e pelos outros, por serem incompatíveis com o ideal branco introjetado de modo compulsório, por exemplo, quando esticam os cabelos com produtos químicos. Entre o *Eu* (negro) real e o *Eu* (branqueado) pensado, tornado *Ideal*, cria-se uma incongruência que o sujeito negro tenta superar, mas quando ocorrem conflitos irreparáveis, será impossível alcançar realizações pessoais, ou mesmo podem surgir diferentes distúrbios psicológicos. Nesse contexto, viver num corpo negro, é a razão de muitos recalques, que, na busca da realização do ideal de brancura, produzirá mecanismos de disfarce desses sinais para se camuflar, tornar invisíveis ou opacas as origens negras. A alienação que começa pela negação do seu corpo atingirá a mente, o espírito, a continuidade histórica e cultural.

Porém, escamotear a negrura é algo que, muitas vezes, é impossível. As possibilidades mais comuns de fuga são: buscar um substituto desse ideal irrealizável através de um parceiro sexual branco ou tentar branquear o corpo, negando o seu próprio corpo como fonte de amor e prazer. Assim o corpo negro é violentado e se violenta continuamente para cumprir os desígnios de um ideal de brancura inatingível em sua corporeidade. Ainda assim, os esforços para nutrir o ideal branco normalmente não são seguidos de sucesso, pois, independente de classe social, continuam sendo objetos de inúmeras violências e humilhações: insultos, brutalidades, abusos, etc. Descobrimos sem saída, a experiência da negritude será de frustrações e tristezas muito profundas, podendo levar à inércia psíquica. Nesse processo, a negação do corpo se torna a negação psicológica de si mesmo, pode abrir feridas subjetivas que não cicatrizam jamais, devido à impossibilidade de eleger este significante negro como referência positiva.

Existem, porém, outras formas de lidar com esse conflito, através de processos de afirmação positiva, que implicam buscar referenciais que possibilitem reconfigurações identitárias inovadoras e mais promissoras. Para Souza (1983), o sujeito não nasce assim, e pode tornar-se negro através da recuperação de sua história pessoal, do resgate da história de seus antepassados, do reconhecimento de sua herança cultural e religiosa, num processo contínuo de reencontro com suas ancestralidades e matrizes históricas

africanas. A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos.

5 | REFLEXÕES HISTÓRICO-CULTURAIS

Outras leituras culturais explicitam que a matéria prima das subjetividades humanas são a história, a geografia e as instituições sociais. Assim elementos de memória coletiva, as instituições, os diferentes pertencimentos, territorialidades e laços de solidariedade, os aspectos pessoais, os elementos de religiosidade, etc., são processados pelos indivíduos e grupos sociais sempre em contextos de relações de poder.

Munanga (2002) considera essencial o *fator histórico*, que une os elementos de um povo através do sentimento de continuidade histórica. A *consciência histórica* constitui uma relação de segurança para um grupo, razão pela qual seu apagamento foi utilizado durante a escravidão pelo colonizador, no intuito de destruir a memória coletiva. Acrescenta-se àquele, o *fator linguístico*, que também foi praticamente varrido das culturas negras no Brasil, persistindo somente nos terreiros religiosos como linguagem ritual. Ou em reconfigurações de linguagens, estéticas e ritmos, como penteados, estilos de cabelos, estilos musicais, etc. Finalmente, o autor sublinha o *fator psicológico*, tecendo questionamentos acerca da produção de diferenças entre os temperamentos de negros e brancos a partir do condicionamento histórico do negro, afastando-se de qualquer base biológica.

Assim, a negrura é uma diferença vista e vivida no plano histórico-material, que ultrapassa os desígnios da cultura e da história, fundamenta nos traços de corpo, na cor da pele, e outras características biológicas. Também se refere às africanidades ocultas nos gestos, nas expressões estéticas, nas linguagens, nos ritmos e musicalidades, nas maneiras de ser e de ver o mundo.

É importante lembrar, também, que as produções de si mesmos produzidas pelas pessoas negras e mestiças dão-se não só por oposição aos brancos, mas, também pela negociação, pelo conflito e pelo diálogo com estes. As ideologias presentes nestes processos tornam as reflexões sobre si mesmo mais difíceis.

Como em todos os processos psicológicos complexos, com incidência de forças externas e internas, entendemos até aqui que pessoas negras podem introjetar visões negativas de si mesmas, mas, por outro lado, sobretudo, podem também reagir às opressões de maneira criativa e espetacular.

Acrescento aqui, para nossa reflexão, o raciocínio complexo sobre identidades negras, de Castells (1999), que elaborou uma tipologia de identidades dos oprimidos:

Identidade Legitimadora: processo resultante da incorporação dos valores impregnados nas instituições dominantes da sociedade, os objetivos implícitos são expandir e racionalizar a dominação.

Identidade de Resistência: elaborada pelos indivíduos submetidos à dominação, mas que escapam às lógicas instituídas, quando são desvalorizados e humilhados buscam reagir e sobreviver diante da opressão das instituições dominantes. A identidade de resistência leva à formação de comunas, ou comunidades. Considerado o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade, ele dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral, com base em identidades aparentemente passivas.

Identidade de Projeto: construção de uma nova identidade como consequência das reflexões das desigualdades que reivindica reposicionamento do sujeito na sociedade, bem como transformações em todo o tecido social. Na identidade de projeto subjaz o desejo de criar uma história pessoal, de re-significar o conjunto de experiências da vida individual. A construção da identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandindo-se no sentido da transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade.

6 | NEGRITUDE COMO FORMA DE CONSCIÊNCIA

Em busca de emancipação individual e coletiva, o ser negro encontra sentidos na própria *negritude* como uma ferramenta de conscientização.

Segundo Cesaire (2010), *negritude* significa a retomada da identidade negra, a proclamação do direito do negro à diferença e a exigência do respeito à personalidade negra coletiva.

A negritude pode ser inicialmente definida pela

tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade [mas] ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento [nem] do patético e do choramingo. A negritude resulta de uma atitude proativa e combativa de espírito. Ela é um despertar, despertar de dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta (p.105).

É pertinente aqui lembrar a história do movimento negro brasileiro, e também do movimento pan-africanista do século XX, contexto no qual surgiu o conceito de *negritude*. Esse termo consagrou-se nas Américas nas décadas de 1960-70, nas formas dos movimentos Black Power e o slogan “*negro é lindo*”, para significar a revolução histórico-cultural e as lutas sociais dos negros contemporâneos contra a opressão e exclusão, pelo retorno à honra, pela resistência contínua, pela luta e pela esperança de um viver livre, igualitário e profundo.

71 FORMAÇÃO DE EDUCADORES: PESQUISA, EXTENSÃO E INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Desencadeamos reflexões na/o futura/o professor/a, que, em suas ações na escola se guiará pela solidariedade e responsabilidade político-pedagógica ao segmento afro-brasileiro. Pretendemos formar educadores ativos, coerentes, éticos e solidários aos “outros” culturais. Nesse objetivo teórico-prático visa-se o respeito aos processos dos educandos e o estímulo a novas formas de convivência, ao reconhecimento do outro e o acolhimento da diversidade cultural.

O recorte analítico de nossa pesquisa, que traremos a seguir, se baseia nas discussões, análises e autoavaliações de um grupo de oito estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal fluminense/RJ que integram os projetos anteriormente citados. Com metodologia situada no campo da pesquisa-ação, visamos ampliar a formação- reflexão dos licenciandos no âmbito das temáticas da diversidade cultural, interculturalidades e arte-educação, integrando-os à pesquisa, iniciação à docência e extensão universitária, através de ações-reflexões nos espaços acadêmicos e nos espaços culturais extrauniversidade. Buscamos planejar, observar, agir e refletir de maneira mais consciente, mais sistemática e mais rigorosa sobre nós mesmos e nossa experiência cotidiana. Esse modo torna o grupo de participantes operantes e comprometidos com as transformações e propostas, sujeitos e objetos da compreensão de sua própria prática e dos contextos onde se produz a prática.

Os grupos operativos promoveram discussões teórico-práticas; vivências da cultura brasileira de matriz africana, discussão de metodologias de ensino que valorizam os sujeitos negros, estudos críticos de programas de ensino e materiais didáticos e oficinas de projetos pedagógicos. Assim, empoderamos e fortalecemos estudantes-educadores/as, na medida em que são estimulados a ouvir, reconhecer, analisar, valorizar e legitimar as vozes e vivências das crianças, jovens, e adultos, reprimidos, silenciados, negados, pelo sistema tradicional. Exercitamos também a atribuição de novos significados através de produção de textos distanciados do formato e do imaginário elitista dos colonizadores, rumo ao pensamento decolonial.

Esse trabalho promoveu vivências científico-culturais, produção de projetos pedagógicos e materiais de ensino, voltados para a temática do reconhecimento e emancipação da identidade das pessoas negras. Citamos como exemplo: leituras e discussão de textos; debates com pesquisadores (negros/as e não negros/as) engajados em temáticas críticas e transformadoras do pensamento sobre os negros; organização, planejamento e execução de eventos acadêmicos e artísticos; formulação e experimentação de projetos educativos; produção de materiais pedagógicos; apresentações em eventos científicos; vivências culturais da matriz negra (aulas-passeios em quilombos, museus, pontos históricos da cultura negra do Rio de Janeiro, celebrações tradicionais como Congado, Jongô, Festa de Iemanjá, Festa do Preto Velho, Festa de 13 de maio, entre outras).

8 I ANÁLISES DA RECONFIGURAÇÕES PSICOLÓGICAS DOS PARTICIPANTES

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana orientam o reconhecimento, valorização e o ensino da cultura africana e afro-brasileira. Enfatizam a obrigatoriedade da escola em promover identidades saudáveis e positivadas. Deve ser compromisso da escola colaborar na reconstituição da autoestima positiva nas crianças e jovens negros. A postura reflexiva do/a educador/a implica ver/sentir/analisar a construção histórica destes sujeitos, bem como reconhecer que existem várias histórias silenciadas, negadas ou escamoteadas que necessitam ser desveladas e patrimoniadas. Seu desafio é promover uma ação pedagógica transformadora. Neste sentido, nos desafiamos à inserção investigativa dos educadores nos meios culturais de matriz africana e estimulamos as experimentações e reflexões científicas para fortalecer novas posturas propícias à emancipação da população negra e mestiça.

O grupo envolvido neste projeto investe inicialmente no repensar a si mesmos, através de estudos e pesquisas sobre as temáticas em questão, e também da reflexão crítica das nossas próprias práticas e histórias de vida. Levantamos questões e conflitos vivenciados, avaliamos os processos e elencamos os principais ganhos alcançados pelo/a estudante quando, em sua formação, atua em pesquisa e extensão universitária. Analisamos o impacto das descobertas e vivências culturais sobre a ancestralidade africana. Esse esforço cognitivo-afetivo levou à aversão ao racismo, ao fortalecimento de identidades afrodescendentes; ao rompimento com imagens preconceituosas e discriminadoras dos negros; ao exercício da complexidade do trabalho coletivo, e ao crescimento intelectual.

Quando analisamos nosso material, realizamos diferentes análises. Nesse texto destacamos um desses processos, quando elencamos, coletivamente, quatro eixos principais de empoderamento conquistado: *trabalho coletivo, negritude, potencial cognitivo-reflexivo e formação para a promoção da igualdade racial*. Para visualizarmos esses eixos de formação encaminhamos algumas ilustrações de narrativas de participantes, extraídos de seus diários de campo e questionários aplicados durante o processo da pesquisa.

8.1 O trabalho coletivo

Nas interações do projeto vivenciam-se regularmente diferenças de ritmos, de interesses pessoais, de experiências de vida, etc. As superações dessas turbulências fortalecem o grupo e potencializam o reconhecimento e o respeito às diferenças.

Fui aprendendo muito com os outros integrantes nos relacionamentos interpessoais, com suas dificuldades, com seus saberes, principalmente pelas nossas diferenças. Nossa convivência extrapola o ambiente da universidade o que aprofunda nossos laços de amizade e nos fortalece como grupo político. (G)

O projeto nos coloca em situações onde há a necessidade de trabalharmos

em equipe, assim vamos, na prática, aprendendo a ouvir e falar, a liderar, a acatar, a entender a opinião do outro não como afronta, mas como contribuição. Assim, quando estamos em outros espaços levamos incorporada a diretriz democrática, e postura firme e segura ao encarar outros coletivos não tão afetivos. (A)

8.2 Negritude

Remexidos, novas visões do mundo surgem, antes visões branqueadas, hoje valorizando o negro. O processo de desalienação e de reconstituição de nossa história e cultura são os princípios da reorganização pessoal e coletiva. Arvorando-se em questionamentos sobre sujeito-cultura-sociedade-mundo, perguntamos: Em que e como mudamos?

Foi muito difícil me aceitar, me assumir com novos significados. Olhar para dentro de mim mesma e dizer: eu sou negra. A estética foi meu ponto fraco. Parar de alisar o cabelo, usar roupas que valorizassem meu corpo, não foram medidas tomadas de imediato. Tive medo da rejeição[...]de me transformar e me arrependei. Mas, [...]Foi a minha libertação! (C)

Desejo que essas vivências sejam compartilhadas e esse processo enriquecido por outros olhares e outras experiências, como uma eterna (re) construção da minha história. (M)

Nunca pensei na importância que os povos negros, meus ancestrais, tiveram na construção do Brasil. A descendência de escravizados sempre foi, para o meu avô (quilombola), motivo de humilhação. [...]compreendi que a escola negou minha história. (G)

A minha primeira atitude de recuperação identificatória foi com meu corpo: mais especificamente no cabelo. Os novos conhecimentos ajudaram-me a perceber que o povo é negro não é mal, ou que sua cultura é demoníaca ou inferior, mas essa ideologia foi construída pelo olhar branco eurocêntrico". (G)

8.3 Potencial cognitivo-reflexivo

As leituras e reflexões se prolongam na direção de outros conteúdos e de outras disciplinas, desvelam ideologias e extrapolam os lidos e vividos nos textos acadêmicos. Realizam ruptura, superação ou aproximação entre conhecimentos que já trazem consigo provenientes de suas trajetórias de vida. A práxis inovadora gera uma inesperada atividade intelectual, dinâmica, criativa, que muitas vezes impressionam ou desarranjam aulas e professores conservadores.

Hoje consigo discutir [...] o legado deixado por intelectuais negros, inclusive do período imperial. Abordo mais serenamente o racismo, socializo os conhecimentos e valores negros, falo sobre escravidão, sobre tecnologias africanas que ajudaram a construção do Brasil. (G)

O meu crescimento intelectual é enorme desde a entrada no projeto, venho cada vez mais me apoderando de conceitos nas leituras e em toda a conjuntura cultural e de vida que experimentamos nas atividades extramuros da universidade que me levam a atitudes como educador muito próximas as que são praticadas no projeto (A)

Hoje eu lido melhor com minhas críticas sociais e consigo trabalhar essas questões em sala de aula, fazendo ligação com outras disciplinas como Antropologia, Sociologia e Pesquisa e Prática Pedagógica. **(R)**

8.4 Formação do educador para a promoção da igualdade racial

Esse papel exige autoconhecimento e atitude transformadora, e gera questões sobre como implementar novas propostas pedagógicas. Como protagonistas, há que fazer indagações e buscar respostas, produzindo pesquisa e conhecimentos. Nas atividades de iniciação à docência as questões já são postas em reuniões nas escolas do estágio.

Espero contribuir de forma positiva para construir em meus futuros alunos novas identidades orgulhosas de si mesmas e reconhecidas socialmente. **(M)**

Sinto-me cada vez mais disposta a contribuir para que outros descendentes de quilombolas possam ter uma formação saudável, livre dos ideais eurocêntricos que estão enraizados em nossa sociedade brasileira. **(G)**

Nossa prática pedagógica visa problematizar coletivamente com nossos pares da profissão, com nossas crianças e com toda a comunidade escolar, compreendendo aí os familiares e o coletivo que circunda a escola, no sentido de desconstrução do racismo e reconstrução de relações étnico-raciais mais respeitadas. **(G)**

O projeto constrói uma práxis educativa inovadora que não é paralela nem complementar, ele é fundador de novos sujeitos porque tece com os estudantes uma rede teórico-prática que entrecruza conhecimento teórico, pesquisa científica, expansão cultural, postura política, afirmação de identidades positivas, lazer, convivência em grupo, solidariedade aos excluídos, etc. **(A)**

9 | CONCLUSÃO

A Universidade guarda seus próprios paradoxos e contradições e nem sempre acata facilmente a crítica e a abertura de si para políticas públicas que favoreçam o acesso de todos os excluídos. Pensamos, também, nessa necessidade científica, política e cultural, onde todas as formas de experiências, conhecimentos e subjetividades possam conviver e ser objetos de reflexões.

Considerando a função social da Universidade, concordamos com GIROUX no posicionamento a favor da formação da intelectualidade transformadora, compreendida numa práxis moral e ética, inquieta com os sofrimentos e lutas dos excluídos. Deixar emergir “memórias perigosas”, exercitar a escuta sensível e paciente para ouvir não apenas as narrativas explícitas, mas também os “silêncios”, e possibilitar vivências de ampliação cultural e da consciência das diferentes formas de se produzir humanidades.

As e Os sujeitos desse trabalho, estudam, experienciam, inquirem e dialogam, e constroem conhecimentos libertadores. Sonham e projetam futuros. E se reestruturam em subjetividades sadias, positivas, solidárias e generosas na compreensão e acolhimento dos outros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** BH: Letramento, 2018.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura.** Vol. II - O Poder da Identidade. 5ª ed. SP: Paz e Terra, 1999.

CESAIRE, A. **Discurso sobre a negritude.** Org. Moore, C. BH: Nandyala, 2010.

FANON, F. **Peau Noire masques blancs.** Paris: Seuil, 1952

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais.** P.A.: ArtMed, 1997.

GOMES, Nilma. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** <https://www.curriculosemfronteiras.org>, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Acessado em abril,2021.

GONÇALVES, M.G. **Subjetividade e negritude.** In: GONÇALVES, M.G.; MULLER, T.M.P.; OLIVEIRA, I.(org.): Cadernos PENESB12 - Especial: Curso ERER. Niterói: EDUFF, 2010 P. 205-284.

HASENBALG, C. A. **Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil** (pp. 235-249). In Maio, M. C. & Santos, R. V. (Org.), *Raça, ciência e sociedade*. RJ: Fiocruz /CCBB, 1996.

INST. EDUCACIONAL ANÍSIO TEIXEIRA (INEP), Dados Educacionais 2013.

INSTITUTO ETHOS E IBGE. **Pesquisa O Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmativas**, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2011, 2014 e 2015. IBGE, **PNAD Contínua**, 2008, 2010, 2016 e 2017.

MC LAREN, P. **Multiculturalismo Crítico.** SP: Cortez, 1997.

MEC/SEPPPIR. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília-DF: MEC/SEPPPIR, 2005.

MOREIRA, A.F. & SILVA, T.T. **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 3 ed. RJ: DP&A, 1999.

MUNANGA, K. **Construção da identidade negra no contexto da globalização.** In: Cadernos PENESB, n.4. Niterói: EdUFF, 2002.

Mestiçagem e identidade afro-brasileira. In: Cadernos PENESB n.1 Niterói: Intertexto, 1999.

POMPEU, F. **Os efeitos psicossociais do racismo.** Instituto AMMA Psique e Negritude. SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

NOGUEIRA, O. **Tanto preto como branco: estudos das relações raciais**. SP: T.A. Queiroz, 1985.

SANTOS, N.S. **Tornar-se negro**. RJ: Graal, 1983.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aedes aegypti 203, 204, 205, 206
Amazônia boliviana 239, 240, 244
Análise bioenergética 207, 209, 211, 215, 217
Aprisionamento 141, 144
Autonomia social 10, 11, 21

B

Barbárie 72, 74, 75, 76, 79, 80

C

Cannabis sativa 224, 225, 227, 228, 229, 231, 232, 234, 237, 238
Cantiga de roda de capoeira 95, 97, 98, 100
Cinema 52, 61, 62, 63
Conhecimento 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 38, 43, 47, 48, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 65, 72, 73, 74, 75, 78, 82, 83, 84, 85, 90, 91, 93, 96, 97, 104, 113, 132, 133, 140, 152, 159, 181, 182, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 203, 204, 205, 206, 209, 210, 211, 217, 256, 257, 259, 262, 263
Cultura 10, 12, 21, 24, 25, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 71, 78, 81, 88, 90, 91, 92, 100, 101, 102, 104, 108, 110, 111, 112, 114, 123, 124, 133, 135, 138, 142, 146, 175, 196, 202, 211, 216, 234, 239, 246, 259, 263

D

Darwin 256, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 265
Democratização 124, 130, 132, 157, 257
Desempenho 175, 178, 180, 181, 182, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 198, 262
Dialética 55, 56, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 160, 221
Dignidade 60, 109, 122, 153, 161, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 232, 234, 235, 236, 237
Direito 23, 24, 27, 28, 51, 60, 61, 62, 63, 74, 93, 109, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 125, 127, 128, 129, 135, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 166, 167, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 235, 236, 237, 238, 264
Direito à saúde 224, 225, 227, 228, 229, 230
Diversidade 25, 26, 47, 50, 53, 82, 104, 105, 110, 124, 130, 133, 139, 172, 174, 194, 260, 262

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 23, 38, 46, 49, 50, 74, 75, 76, 80, 81, 89, 92, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 114, 116, 118, 122, 123, 127, 130, 131, 132, 133, 139, 140, 155, 156, 161, 180, 181, 192, 193, 195, 196, 198, 201, 203, 204, 205, 206, 237, 257, 259, 260, 264, 265, 266

Efeito autorreflexivo 51, 53

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 18, 19, 33, 40, 46, 47, 48, 49, 50, 92, 102, 103, 104, 110, 111, 114, 135, 180, 181, 182, 183, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 205, 206, 223, 256, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 265, 266

Ensino de matemática 196, 201

Ensino virtual 1

Equidade racial 102, 103

F

Felicidade 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

Feminismo 82, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 123

Ferramentas digitais 1, 3, 5

Filosofia 51, 52, 53, 54, 60, 61, 62, 63, 71, 73, 92, 94, 136, 140, 153, 161, 212, 216, 226, 237, 245, 264, 265

G

Gastronomia 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202

H

História 33, 40, 42, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 71, 76, 77, 78, 80, 88, 91, 92, 97, 98, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 117, 125, 127, 136, 137, 138, 147, 150, 152, 153, 194, 195, 199, 213, 214, 240, 246, 249, 252, 257, 262, 263, 265, 266

I

Identidade 18, 25, 27, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 82, 88, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 114, 134, 135, 138, 139, 140, 142, 147, 159, 174, 213, 239, 240, 242, 243, 244, 245

Igualdade de gêneros 116, 117, 119, 122, 127

Índigenas 24, 25, 26, 29, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 104, 184, 185, 211, 246

Interdisciplinaridade 194, 204, 206

Isonomia 116, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 127

L

Legalização 224, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 236, 237

M

Matrix 51, 52, 53, 54, 56, 57, 60, 61, 63, 102

Memórias 59, 92, 95, 96, 97, 106, 113, 133, 141, 146, 148

Memória social 141, 146, 147

Moradia 32, 103, 153, 154, 155, 157, 158, 163, 164, 165, 166, 169, 170, 172, 176, 179

Mulheres 20, 32, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 105, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 145, 146

N

Negras 49, 82, 84, 87, 88, 89, 95, 96, 98, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 110

Negros 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 181, 184, 191

P

Paisagem cultural 239, 240, 242, 243, 244

Participação popular 149, 150, 155, 158, 159, 160, 161, 247, 253, 254

PIBID 203, 204

Pluralismo cultural 130, 131, 132, 133

Política externa 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255

Políticas públicas 23, 24, 25, 27, 31, 92, 113, 117, 118, 123, 124, 127, 128, 129, 143, 149, 150, 155, 156, 158, 159, 160, 162, 164, 168, 178, 191, 210, 244, 249, 260

Progresso 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 125, 196

Projeto cariño 10

Q

Qualidade de vida 12, 118, 208, 222, 224, 225, 231, 234, 235

R

Raça 44, 46, 84, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 99, 100, 106, 114, 138, 180, 181, 184, 185, 189, 190, 191

Racismo 49, 84, 89, 102, 103, 105, 111, 112, 113, 114, 125

Regressão 72, 74, 75, 76, 79, 80, 156, 182, 187

Reiki 207, 208, 209, 210, 211, 212, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223

Renda familiar 180, 182, 186, 187, 188, 189, 190, 191

S

SARESP 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192

Seringais 239, 240, 241, 242

Subjetividades 102, 104, 105, 106, 108, 113, 130, 131

Sujeito social 130, 131

Sustentabilidade 10, 11, 12, 19, 20, 21, 22, 173, 176

T

Teoria da evolução 256, 258, 262, 264

Toque terapêutico 207, 209, 210, 211, 212, 215, 216, 218, 219, 220

Transformações sociais 1

Transitoriedades 130, 131, 139

Transversalidade 124, 203, 204, 205, 206

Tutela constitucional 116, 126

U

Urbanização 74, 149, 150, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 176, 177, 178

V

Vale do Jequitinhonha 23

Virtude 5, 9, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 76, 77

CIÊNCIAS HUMANAS:

Uma nova interpretação
para um conceito comum



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Atena
Editora

Ano 2021

CIÊNCIAS HUMANAS:

**Uma nova interpretação
para um conceito comum**



www.arenaeditora.com.br



contato@arenaeditora.com.br



[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)



[facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

Atena
Editora

Ano 2021